

RAINER MARIA RILKE

ANTOLOGIA

PRIMEIRA ELEGIA

Quem se eu gritasse, entre as legiões de Anjos
me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse
inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia
sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo
senão o grau do Terrível que ainda suportamos
e que admiramos porque, impassível, desdenha
destruir-nos? Todo anjo é terrível.

E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo
do meu soluço obscuro. Ai, quem nos poderia
valer? Nem anjos, nem homens
e o intuitivo animal logo adverte
que para nós não há amparo
neste mundo definido. Resta-nos, quem sabe,

a árvore de alguma colina, que podemos rever
cada dia; resta-nos a rua de ontem
e o apego cotidiano de algum hábito
que se afeiçoou a nós e permaneceu.

E a noite, a noite, quando o vento pleno dos espaços
do mundo desgastar-nos a face — a quem se furtaria ela,
a desejada, ternamente enganosa, sobressalto para o
coração solitário? Será mais leve para os que amam?

Ai, apenas ocultam eles, um ao outro, seu destino.

Não o sabias? Arroja o vácuo aprisionado em teus braços
para os espaços que respiramos — talvez os pássaros
sentirão o ar mais dilatado, num vôo mais comovido.

Sim, as primaveras precisam de ti.

Muitas estrelas queriam ser percebidas.

Do passado profundo afluía uma vaga, ou
quando passavas sob uma janemla aberta,
uma viola d'amore se abandonava. Tudo isso era missão.

Acaso a cumpriste? Não estavas sempre
distraído, à espera, como se tudo
anunciasse a amada? (Onde queres abrigá-la,
se grandes e estranhos pensamentos vão e vêm
dentro de ti e, muitas vezes, se demoram nas noites?)

Se a nostalgia vier, porém, canta as amantes;
ainda não é bastante imoral sua celebrada ternura.

**Tu quase as invejas — estas abandonadas
que te parecem tão mais ardentes que as
apaziguadas. Retoma infinitamente o inesgotável
louvor. Lembra-te: o herói permanece, sua queda
mesma foi um pretexto para ser — nascimnto supremo.**

**Mas às amantes, retoma-as a natureza no seio
esgotado, como se as forças lhe faltassem
para realizar duas vezes a mesma obra.**

**Com que fervor lembraste Gaspara Stampa,
cujo exemplo sublime faça enfim pensar uma jovem
qualquer, abandonada pelo amante: por que não sou
como ela? Frutificarão afinal esses longínquos
sofrimentos? Não é tempo daqueles que amam libertar-se
do objetivo amado e superá-lo, frementes?**

**Assim a flecha ultrapassa a corda, para ser no vôo
mais do que ela mesma. Pois em parte alguma se detém.**

**Vozes, vozes. Ouve, meu coração, como outrora apenas
os santos ouviam, quando o imenso chamado
os erguia do chão; eles porém permaneciam ajoelhados,
os prodigiosos, e nada percebiam,
tão absortos ouviam. Não que possas suportar
a voz de Deus, longe disso. Mas ouve essa aragem,
a incessante mensagem que gera o silêncio.**

Ergue-se agora, para que ouças, o rumor
dos jovens mortos. Onde quer que fosses,
nas igrejas de Roma e Nápoes, não ouvias a voz
de seu destino tranquilo? Ou inscrições não se ofereciam,
sublimes? A estela funerária em Santa Maria Formosa...
O que pede essa voz? a ansiada libertação
da aparência de injustiça que as vezes perturba
a agilidade pura de suas almas.

É estranho, sem dúvida, não habitar mais a terra,
abandonar os hábitos apenas aprendidos,
às rosas e a outras coisas o sentido do vir-a-ser humano;
o que se era, entre mãos trêmulas, medrosas,
não mais ser; abandonar até mesmo o próprio nome
como se abandona um brinquedo partido.

Estranho, não desejar mais nossos desejos. Estranho,
ver no espaço tudo o quanto se encandeava, esvoaçar,
desligado. E o estar-morto é penoso
e quantas tentativas até encontrar em seu seio
um vestígio de eternidade. — Os vivos cometem
o grande erro de distinguir demasiado
bem. Os Anjos (dizem) muitas vezes não sabem
se caminham entre vivos ou mortos.

Através das duas esferas, todas as idades a corrente

eterna arrasta. E a ambas domina com seu rumor.

**Os mortos precoces não precisam de nós, eles
que se desabituaam do terrestre, docemente,
como de suave seio maternal. Mas nós,
ávidos de grandes mistérios, nós que tantas vezes
só através da dor atingimos a feliz transformação, sem eles
poderíamos ser? Inutilmente foi que outrora, a primeira
música para lamentas Linos, violentou a rigidez da
matéria inerte? No espaço que abandonava, jovem,
quase deus, pela primeira vez o vácuo estremeceu
em vibrações — que hoje nos trazem êxtase, consolo e amparo.**

A MORTE DO POETA

**Jazia. Seu altivo semblante
estava pálido e indiferente no leito inflexível,
desde que o mundo, afastado de seus sentidos,
retornara à Era fria.**

**Os que o viram em vida não compreendiam
como ele se integrava nas coisas;
é que tudo: essas profundezas e florestas
e a própria água eram o seu eu.**

**Ah! seu vulto era tudo isso
que ainda agora dele se acerca como para o envolver;
e sua máscara, que lívida se extingue,
é mole e aberta como a polpa de um fruto
que o ar corrompeu.**

(Trad. de João Accioli)

TORSO ARCAICO DE APOLO

Não, não sabemos como era a cabeça, que falta,

De pupilas amadurecidas, porém

O torso arde ainda como um candelabro e tem,

Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

E brilha. Se não fosse assim a curva rara

Do peito não deslumbraria, nem achar

Caminho poderia um sorriso e baixar

Da anca suave ao centro, onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera

Pedra, um desfigurado mármore, e nem já

Resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida

Como uma estrela; pois ali ponto não há

Que não te mire. Força é mudares de vida.

(Trad. de Manuel Bandeira)

I:3

**Um deus o pode. Mas, dize-me, poderia um
homem acompanhá-lo na lira encantada?
Sua mente é discórdia e nas encruzilhadas
do coração Apolo não tem templo algum.**

**O canto, como o ensinas, não é o querer
nem busca do que querer que seja de atingível.
Cantar é existir. para o deus, tudo é factível.
Mas nós, quando é que somos? Quando ao nosso ser**

**dará ele de volta a terra e as estrelas?
Não é o que amas, jovem, mesmo que forçasse
a voz em tua boca. Aprende a esquecer-las,**

tais canções. Elas passam, frutos do momento.

**O canta em verdade de outro sopro faz-se.
Um sopro de nada. Um alento em Deus. Um vento.**

(Trad. José Carlos Paes)

Borghese

**Duas velhas bacias sobrepondo
suas bordas de mármore redondo.
Do alto a água fluindo, devagar,
sobre a água, mais em baixo, a esperar,

muda, ao murmúrio, em diálogo secreto,
como que só no côncavo da mão,
entremostrando um singular objeto:
o céu, atrás da verde escuridão;

ela mesma a escorrer na bela pia,
em círculos e círculos, constante —
mente, impassível e sem nostalgia,

descendo pelo musgo circundante
ao espelho da última bacia
que faz sorrir, fechando a travessia.**

(Trad. Augusto de Campos)

O torso arcaico de Apolo

**Não conhecemos sua cabeça inaudita
Onde as pupilas amadureciam. Mas
Seu torso brilha ainda como um candelabro
No qual o seu olhar, sobre si mesmo voltado**

**Detém-se e brilha. Do contrário não poderia
Seu mamilo cegar-te e nem à leve curva
Dos rins poderia chegar um sorriso
Até aquele centro, donde o sexo pendia.**

**De outro modo erger-se-ia esta pedra breve e mutilada
Sob a queda translúcida dos ombros.
E não tremeria assim, como pele selvagem.**

**E nem explodiria para além de todas as fronteiras
Tal como uma estrela. Pois nela não há lugar
Que não te mire: precisas mudar de vida.**

(Tradução: Paulo Quintela)

- Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?

Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?

Eu sou o teu vaso - e se me quebro?

Eu sou tua água - e se apodreço?

Sou tua roupa e teu trabalho

Comigo perdes tu o teu sentido.

Depois de mim não terás um lugar

Onde as palavras ardentes te saúdem.

Dos teus pés cansados cairão

As sandálias que sou.

Perderás tua ampla túnica.

Teu olhar que em minhas pálpebras,

Como num travesseiro,

Ardentemente recebo,

Virá me procurar por largo tempo

E se deitará, na hora do crepúsculo,

No duro chão de pedra.

Que farás tu, meu Deus? O medo me domina.

(Tradução: Paulo Plínio Abreu)

- Hora Grave

**Quem agora chora em algum lugar do mundo,
Sem razão chora no mundo,
Chora por mim.**

**Quem agora ri em algum lugar na noite,
Sem razão ri dentro da noite,
Ri-se de mim.**

**Quem agora caminha em algum lugar no mundo,
Sem razão caminha no mundo,
Vem a mim.**

**Quem agora morre em algum lugar no mundo,
Sem razão morre no mundo,
Olha para mim.**

(Tradução: Paulo Plínio Abreu)

Morgue

**Estão prontos, ali, como a esperar
que um gesto só, ainda que tardio,
possa reconciliar com tanto frio
os corpos e um ao outro harmonizar;**

como se algo faltasse para o fim.

**Que nome no seu bolso já vazio
há por achar? Alguém procura, enfim,
enxugar dos seus lábios o fastio:**

em vão; eles só ficam mais polidos.

**A barba está mais dura, todavia
ficou mais limpa ao toque do vigia,**

para não repugnar o circunstante.

**Os olhos, sob a pálpebra, invertidos,
olham só para dentro, doravante.**

(Tradução: Augusto de Campos)

A Pantera

No Jardin des Plantes, Paris

De tanto olhar as grades seu olhar

esmoreceu e nada mais aferra.

Como se houvesse só grades na terra:

grades, apenas grades para olhar.

A onda andante e flexível do seu vulto

em círculos concêntricos decresce,

dança de força em torno a um ponto oculto

no qual um grande impulso se arrefece.

De vez em quando o fecho da pupila

se abre em silêncio. Uma imagem, então,

na tensa paz dos músculos se instila

para morrer no coração.

(Tradução: Augusto de Campos)

A Gazela

Gazella Dorcas

Mágico ser: onde encontrar quem colha

duas palavras numa rima igual

a essa que pulsa em ti como um sinal?

De tua frente se erguem lira e folha

e tudo o que és se move em similar

canto de amor cujas palavras, quais

pétalas, vão caindo sobre o olhar

de quem fechou os olhos, sem ler mais,

para te ver: no alerta dos sentidos,

em cada perna os saltos reprimidos

sem disparar, enquanto só a frente

a prumo, prestes, pára: assim, na fonte,

a banhista que um frêmito assustasse:

a chispa de água no voltear da face.

(Tradução: Augusto de Campos)

São Sebastião

**Como alguém que jazesse, está de pé,
sustentado por sua grande fé.**

**Como mãe que amamenta, a tudo alheia,
grinalda que a si mesma se cerceia.**

**E as setas chegam: de espaço em espaço,
como se de seu corpo desferidas,
tremendo em suas pontas soltas de aço.**

Mas ele ri, incólume, às feridas.

**Num só passo a tristeza sobrevém
e em seus olhos desnudos se detém,
até que a neguem, como bagatela,
e como se poupassem com desdém
os destrutores de uma coisa bela.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Anjo

**Com um mover da frente ele descarta
tudo o que obriga, tudo o que coarta,
pois em seu coração, quando ela o adentra,
a eterna Vinda os círculos concentra.**

**O céu com muitas formas Ihe aparece
e cada qual demanda: vem, conhece -.
Não dê às suas mãos ligeiras nem
um só fardo; pois ele, à noite, vem**

**à tua casa conferir teu peso,
cheio de ira, e com a mão mais dura,
como se fosses sua criatura,
te arranca do teu molde com desprezo.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Fonte Romana

Borghese

**Duas velhas bacias sobrepondo
suas bordas de mármore redondo.**

**Do alto a água fluindo, devagar,
sobre a água, mais em baixo, a esperar,

muda, ao murmúrio, em diálogo secreto,
como que só no côncavo da mão,
entremostrando um singular objeto:
o céu, atrás da verde escuridão;**

**ela mesma a escorrer na bela pia,
em círculos e círculos, constante-
mente, impassível e sem nostalgia,**

**descendo pelo musgo circundante
ao espelho da última bacia
que faz sorrir, fechando a travessia.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Dançarina Espanhola

**Como um fósforo a arder antes que cresça
a flama, distendendo em raios brancos**

**suas línguas de luz, assim começa
e se alastra ao redor, ágil e ardente,
a dança em arco aos trêmulos arrancos.**

E logo ela é só flama, inteiramente.

**Com um olhar põe fogo nos cabelos
e com a arte sutil dos tornozelos
incendeia também os seus vestidos
de onde, serpentes doidas, a rompê-los,
saltam os braços nus com estalidos.**

**Então, como se fosse um feixe aceso,
colhe o fogo num gesto de desprezo,
atira-o bruscamente no tablado
e o contempla. Ei-lo ao rés do chão, irado,
a sustentar ainda a chama viva.**

**Mas ela, do alto, num leve sorriso
de saudação, erguendo a fronte altiva,
pisa-o com seu pequeno pé preciso.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Cego

**Ele caminha e interrompe a cidade,
que não existe em sua cela escura,
como uma escura rachadura
numa taça atravessa a claridade.**

**Sombras das coisas, como numa folha,
nele se riscam sem que ele as acolha:
só sensações de tato, como sondas,
captam o mundo em diminutas ondas:**

**serenidade; resistência -
como se à espera de escolher alguém, atento,
ele soergue, quase em reverência,
a mão, como num casamento.**

(Tradução: Augusto de Campos)

Exercícios ao Piano

O calor cola. A tarde arde e arqueja.

**Ela arfa, sem querer, nas leves vestes
e num étude enérgico despeja
a impaciência por algo que está prestes
a acontecer: hoje, amanhã, quem sabe
agora mesmo, oculto, do seu lado;
da janela, onde um mundo inteiro cabe,
ela percebe o parque arrebicado.**

**Desiste, enfim, o olhar distante; cruza
as mãos; desejaria um livro; sente
o aroma dos jasmims, mas o recusa
num gesto brusco. Acha que á faz doente.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Solitário

**Não: uma torre se erguerá do fundo
do coração e eu estarei à borda:
onde não há mais nada, ainda acorda
o indizível, a dor, de novo o mundo.**

**Ainda uma coisa, só, no imenso mar
das coisas, e uma luz depois do escuro,
um rosto extremo do desejo obscuro
exilado em um nunca-apaziguar,**

**ainda um rosto de pedra, que só sente
a gravidade interna, de tão denso:
as distâncias que o extinguem lentamente
tornam seu júbilo ainda mais intenso.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O Fruto

**Subia, algo subia, ali, do chão,
quieto, no caule calmo, algo subia,
até que se fez flama em floração
clara e calou sua harmonia.**

**Floresceu, sem cessar, todo um verão
na árvore obstinada, noite e dia,
e se soube futura doação**

diante do espaço que o acolhia.

**E quando, enfim, se arredondou, oval,
na plenitude de sua alegria,
dentro da mesma casca que o encobria
volveu ao centro original.**

(Tradução: Augusto de Campos)

O mundo estava no rosto da amada -

**O mundo estava no rosto da amada -
e logo converteu-se em nada, em
mundo fora do alcance, mundo-além.**

**Por que não o bebi quando o encontrei
no rosto amado, um mundo à mão, ali,
aroma em minha boca, eu só seu rei?**

**Ah, eu bebi. Com que sede eu bebi.
Mas eu também estava pleno de
mundo e, bebendo, eu mesmo transbordei.**

(Tradução: Augusto de Campos)

INICIAÇÃO

Trad. Geir Campos

**Quem quer que sejas: deixa tua alcova
da qual já sabes tudo que desejas;
teu lar na tarde, longe, se renova,
quem quer que sejas.**

**Com teus olhos exaustos, que ainda a custo
entre os gastos umbrais logram passar,
ergues inteira a sombra dum arbusto
posto ante o ceu - esguio, singular.**

**E tens já pronto o mundo: estranho assim
como palavra que amadurecesse
no silêncio, e que teu olhar esquece
quando lhe captas o sentido, enfim ...**

OUTONO

As folhas caem como se do alto

**caissem, murchas, dos jardins do ceu;
caem com gestos de quem renuncia.**

**E a terra, só, na noite de cobalto,
cai de entre os astros na amplidão vazia.**

**Caimos todos nós. Cai esta mão.
Olha em redor: cair é a lei geral.**

**E a terna mão de Alguem colhe, afinal,
todas as coisas que caindo vão.**

HORA SOLENE

**Quem nesta hora chora algures no mundo
sem motivo chora no mundo,
chora por mim.**

**Quem nesta hora ri algures na noite,
sem motivo ri-se na noite,
ri de mim.**

**Quem nesta hora anda algures no mundo,
sem motivo anda no mundo,**

vem a mim.

**Quem nesta hora morre algures no mundo,
sem motivo morre no mundo,
olha para mim.**